

A “Civilização do Couro”: Desenvolvimento do Capital Transnacional no Sul do Mato Grosso (1870-1920)

Carlos Alexandre Barros Trubiliano¹

Resumo- O desenvolvimento da pecuária no sul de Mato Grosso levou Nelson Werneck Sodré a classificar a região como a “*Civilização do Couro*”. O aprofundamento das relações capitalistas na fronteira oeste brasileira se intensificou no pós-guerra contra o Paraguai. Nesse período registra-se uma avolumada entrada de capitais transnacionais, especialmente portenhos. Diante desse cenário, se estabeleceu um processo de ocupação territorial baseado no regime latifundiário. Esse artigo visa compreender a formação econômica do Sul de Mato Grosso na sua fase pioneira, entre 1870 e 1920.

Palavras-chave: Fronteira; Ocupação; Formação econômica.

A "Civilization of Leather": Development Transnational Capital in South of Mato Grosso (1870-1920).

Abstract- The livestock development in southern Mato Grosso led Nelson Werneck Sodré to classify the region as the "Civilization of Leather". The deepening of capitalist relations in Brazil's western border has intensified in the post-war against Paraguay. During this period it shows a beehive entrance of transnational, especially capital portenho. Given this scenario, it established a process of territorial occupation based on landowner regime. This article aims to understand the economic formation of southern Mato Grosso in its pioneering stage, between 1870 and 1920.

Keywords: Frontier; Occupation; Economic formation.

Artigo recebido em 06/06/14 e aceito em 30/06/14

CARLOS ALEXANDRE BARROS TRIBILIANO

O regime pastoril foi o grande fator de civilização, de desbravamento e de expansão geográfica dessas terras a oeste do Brasil.^{II}

É possível dividirmos a ocupação econômica do sul de Mato Grosso em duas fases. A primeira se deu com a formação da elite agrária de caráter regional entre 1870 - 1920. Esse período foi nomeado, por Virgílio Corrêa Filho, como a *fase heróica da História mato-grossense*, em linhas gerais, correspondeu, a formação dos latifúndios pecuaristas e o início da entrada de capitais transnacionais na região. Nesse momento registra-se, de forma paralela, a valorização gradativa das terras no sul de Mato Grosso. A segunda fase, 1920-1940, se dá o aprofundamento das relações capitalistas na região. Marcada pela ampliação dos investimentos de capitais transnacionais e os impactos sociais, econômicos e culturais que vinham com a instalação da ferrovia Noroeste do Brasil. Interessa-nos, mais de perto, a primeira fase.

Os rebanhos estimularam o *desenvolvimento do comércio de gado em pé, entre os criadores pantaneiros e os invernistas mineiros e de São Paulo*.^{III} A base econômica mato-grossense passava, paulatinamente, de mineradora a agropastoril, tendo na pecuária sua principal atividade. No decorrer do século XIX, o Pantanal concentrava os maiores rebanhos de Mato Grosso; lá se desenvolveu uma raça específica: o gado pantaneiro.^{IV}

No entanto, o isolamento do sul de Mato Grosso era o principal entrave ao desenvolvimento da região e à sua integração. Os primeiros caminhos terrestres foram estabelecidos pelos próprios fazendeiros, como no caso da estrada boiadeira que ligava o povoado de Santana do Paranaíba ao Triângulo Mineiro e, posteriormente, ao oeste paulista.^V

Em 1850 os boiadeiros do Triângulo Mineiro, conhecedores já do sertão sul-mato-grossense para onde passavam atravessando o Paranaíba, abaixo da barra do Rio Grande, iniciaram suas viagens periódicas a estas paragens, fazendo negócios de gado com criadores estabelecidos nas margens do Miranda, Apa e Planos de Vacaria.^{VI}

O término da guerra contra o Paraguai impulsionou a fixação de novos fazendeiros nas porções centrais e meridionais do sul de Mato Grosso. Pecuaristas gaúchos migraram do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se nos campos de Vacaria (Ponta Porã, Bela Vista, Rio Brillhante); os mineiros adensavam as áreas já desbravadas de Paranaíba e Maracajú. Nas primeiras décadas do século XX, núcleos populacionais surgiram atrelados à economia do gado, a exemplo de Campo Grande, fundada como pouso de boiadeiros em 1872.^{VII}

O desenvolvimento da pecuária levou Nelson Werneck Sodré a classificar o sul de Mato Grosso como a “Civilização do Couro”, sintetizando a organização social e econômica do território por meio de três grandes levas migratórias – advindas do Triângulo Mineiro, Rio Grande do Sul e Paraguai. Essas correntes somaram-se aos migrantes oriundos do norte do estado. Na região do *pantanal*, fixaram-se os criadores cuiabanos, portugueses e paraguaios; no *planalto*, estabeleceram-se, majoritariamente, os mineiros; e no *extremo sul*, os produtores gaúchos.^{VIII}

A estimativa era de que o sul concentrava dois terços do rebanho bovino de Mato Grosso, à época: em 1910, calculava-se em torno de 2,5 milhões de reses.^{IX} As características da criação de gado – como os baixos custos de produção, a reduzida utilização de mão de obra, a reprodução natural, o baixo valor das terras, as reservas

naturais de salinas no Pantanal e a relativa independência do produtor no mercado, uma vez que não era forçado a vender toda sua “produção anual” – delinearum um cenário favorável à expansão econômica da pecuária no sul de Mato Grosso.^X

Diante dessa favorável conjuntura, as primeiras charqueadas foram instaladas na região no final do século XIX. A navegação platina permitiu aos produtores alçar novos mercados para além das fronteiras brasileiras, atendendo aos países do cone-sul. Somase a essa constatação o fato de que Argentina e Uruguai passaram por profundas transformações em sua economia pastoril, com a substituição da criação do gado para a criação de ovinos com vistas para atender a exportação de lã aos mercados europeus; e a decadência dos saladeiros platinos em virtude da instalação dos primeiros frigoríficos naqueles dois países, que passou a absorver uma fatia cada vez maior do mercado de carnes. Essa transformação, fez com que parte do capital da indústria do charque portenho, migra-se para outras regiões, como o sul de Mato Grosso.^{XI}

No sul de Mato Grosso, o valor de compra do gado era outro ponto favorável às charqueadas. Em 1908, a vaca era comercializada a 15\$000 (15 mil réis), e o novilho a 30\$000. Em 1910, registra-se a elevação dos preços motivada pela crescente produção da carne salgada; o valor de comercialização saltou, respectivamente, para 26\$000 e 45\$000. Entre 1911 e 1918, com a conflagração mundial, o preço do novilho praticamente dobra de valor chegando a 80\$000 em 1918. Mesmo assim, comparados aos valores praticados em outras praças do país, como São Paulo, onde o novilho, em 1908, já era vendido a 100\$000^{XII}, os preços do gado mato-grossense eram atrativos. Outro dado comparativo para se ter uma ideia do valor do gado, como nos informa Paulo Coelho Machado, em 1918 *um terno, feito em bom alfaiate do Rio ou São Paulo, custava 80\$, ou seja, o valor de um boi*.^{XIII}

Se a consolidação da pecuária extensiva, em meados do século XIX, foi consequência do baixo custo da produção – em virtude da disponibilidade de pastagens, saladeiros, da adaptação do gado pantaneiro e da privilegiada logística para o escoamento da produção via Rio Paraguai –, a conflagração da primeira guerra impulsionou a formação da indústria pastoril no sul de Mato Grosso.

O cenário favorável estimulado pelos investimentos de capitais estrangeiros, especialmente platinos, foi marcado pela estruturação de companhias especializadas na produção de charque na região. Deste modo, empresas como a *Deambrosio, Legrand & Cia.* instalou no Pantanal o Saladeiro Miranda, nas proximidades de Porto Murtinho; a *Moali & Grosso Ledesma* estabeleceu o Saladeiro Tereré; e a *Empresa Extrativa e Pastoril do Brasil S.A.*, a Charqueada do Barranco Branco.^{XIV} As três instalações, cuja sede social era Montevidéu, chegaram a abater, aproximadamente, 60 mil reses por safra.^{XV}

De acordo com Virgilio Correa Filho, em 1925, funcionavam em Mato Grosso 19 empresas do ramo.^{XVI} A crescente demanda e a necessidade de garantir matéria-prima levaram os estancieiros platinos a adquirir fazendas de gado, como no caso da *Cia. Fomento Argentina*, proprietária de 277 léguas no Pantanal do Nabileque^{XVII}, e do *Trust del Alto Paraguai*, que comprou a antiga Fazenda Rodrigo “com uma área de 384.950 hectares de campo, pela somma de 500.000 pesos de ouro sellado”.^{XVIII} Outros empreendimentos foram:

(...) a *Brazil Land, Cattle and Packing Co.* detinha propriedades em Cáceres, Corumbá, Campo Grande e Três Lagoas, que somavam juntas 2.553.205 hectares. *The Brazilian Meat Company* possuía duas propriedades, uma em Três Lagoas e outra em Aquidauana, que correspondiam a 316.010 hectares. A *Fomento Argentino Sud-Americano* dispunha de 726.077 hectares no

A “CIVILIZAÇÃO DO COURO”: DESENVOLVIMENTO DO CAPITAL TRANSNACIONAL NO SUL DO MATO GROSSO (1870-1920)

CARLOS ALEXANDRE BARROS TRIBILIANO

município de Corumbá. A *Territorial Franco Brasileira* detinha 414.803 hectares em Miranda e Corumbá. Ainda em Miranda, uma área de 219.506 hectares era explorada por *The Miranda Estância Company*. A *Sud-Américaine Belge S. A.* dispunha de 117.060 hectares em Corumbá, onde a Sociedade *Anonyma Rio Branco* possuía também 549.156 hectares. Em Três Lagoas, *The Água Limpa Syndicate* apropriou-se de uma área de 180 mil hectares.^{XIX}

Nas primeiras décadas do século XX, ampliaram-se os empreendimentos gerenciados por capital transnacional no sul de Mato Grosso. A presença de investidores estrangeiros registrava-se em diversos setores da economia, especialmente na produção da erva mate, nos saladeiros, nas charqueadas e nas fazendas de criação de gado.

Tabela: Empresas com capital transnacional instaladas no sul de Mato Grosso (1895 - 1920)

Razão Social	Ano de Fundação	Sede Social	Capital declarado	Empreendimento
Cie. Des Porcutis Cibils	1895	Bruxelas	5.000:000 Francos	Charqueada
Société Industrielle et Agricole au Brésil	1906	Bruxelas	3.000:000 Francos	Charqueada
Laranjeira, Mendes & Cia	1902	Buenos Aires	— ^{XX}	Erva-mate/ Pecuária
Territorial Franco-Brasileira S/A (Fazenda Francesa)	—	—	—	Pecuária
Brazil Land, Cattle and Packing Co. (Percival Farquhar)	1911	São Paulo	1.000.000 Dólares	Agropecuária
Sociedade Anonyma Fomento Argentino Sud-Americano	1905	—	174.000 Libras	Pecuária
Sociedade Anonyma Rio Branco	1913	Montevideu	423.000 Libras	Agropecuária
Truste del Alto Paraguay	1909	—	175.000 Libras	Pecuária
Deambrósio, Legrand & Cia	1909	Montevideu	—	Saladeiro
Moali & Grosso Ledesma	1909	Montevideu	—	Saladeiro
G. C. Dickinson & Cia	—	Montevideu	—	Saladeiro
Pinsdorf & Cia	1911	—	60:000\$000 Réis	Saladeiro
The Brazilian Meat Company	—	—	—	Pecuária
The Miranda Estância Company Limited	1912	—	—	Pecuária
Sud-Américaine Belge S.A	—	—	—	Pecuária

Fontes*

Esse cenário de expansão do capital estrangeiro e de evolução nos preços do gado, especialmente entre 1914-1918, impactou o imaginário dos fazendeiros. Segundo as memórias de Emílio Garcia Barbosa pecuarista na região de vacaria em Campo Grande, *nunca foi visto tanto dinheiro reunido naquela zona pastoril! O assombro, a admiração e a cobiça invadiram os corações dos pobres fazendeiros.* Os lucros

CARLOS ALEXANDRE BARROS TRIBILIANO

auféridos, com a alta do gado, suscitavam nesses homens de hábitos simples o desejo pelas benesses da modernidade, *o fazendeiro, até então modesto, usando no máximo um apero de prata no seu pangaré, olhava com cobiça o fordinho bigode*, que – segundo o pecuarista – podiam ser adquiridos *pela soma de cem vacas*. O desejo também era de descoberta e de desfrute dos maiores símbolos da modernidade do século XX, os agora “afortunados” sertanejos *queriam conhecer São Paulo e Rio, ver outras terras, viajar em trem de ferro e vapor*.^{XXI}

Tamanha euforia transforma-se em “depressão” com fim da primeira guerra, levando o fazendeiro Emílio Barbosa a sentenciar: *a riqueza acabou (...) no ano de 19 não apareceu um só boiadeiro, ninguém comprava de ninguém*.^{XXII} Afora as calamitosas palavras do pecuarista, o que se observou foi uma retração mercadológica, entre 1919-1921, dos produtos da carne, em especial o charque, do sul de Mato Grosso. Esse fenômeno foi conseqüência do redirecionamento do fluxo comercial, de significativa parte, do mercado consumidor europeu que passou no pós-guerra a comprar dos produtores estadunidenses.^{XXIII}

Contudo, é possível afirmar que uma das conseqüências da Primeira Guerra sobre os fluxos internacionais de mercadorias e capitais, foi o alargamento do mercado mundial da carne bovina. De acordo com Robert Wilcox, a guerra praticamente criou a indústria brasileira da carne congelada, impactando as regiões criadoras de gado bovino, a exemplo do sul de Mato Grosso:

Mato Grosso, já estabelecido como um importante produtor de carne bovina para o mercado paulista, foi rapidamente inserido na economia nacional da época da guerra, exportando crescentes quantidades de gado em pé para os abatedouros de São Paulo e expandindo as pastagens, os abates e a necessária infra-estrutura. A guerra e o período imediatamente subsequente garantiram a definitiva participação de Mato Grosso no capitalismo nacional e internacional – uma situação da qual essa região havia desfrutado apenas de modo periférico, [...] nas décadas anteriores.^{XXIV}

O papel do capital estrangeiro na fronteira oeste foi tema de inúmeras reflexões.^{XXV} O caso dos investimentos na cadeia produtiva da carne, no sul de Mato Grosso, atende a um contexto de expansão do capital monopolista. Países industrializados, como França, Inglaterra, Bélgica e Estados Unidos, consolidavam empreendimentos que garantissem a exportação de capitais e o controle das fontes de matérias-primas por meio de seus trustes e cartéis, na periferia do mercado mundial.

As aquisições de grandes glebas, para instalação dessas companhias, provocaram uma substancial valorização nos preços dos terrenos. O preço do hectare das terras devolutas comercializado pelo Estado em 1911, variava de 1\$000 a 2\$000 para terrenos destinados a lavoura e de \$800 a 1\$500 para formação de pasto.^{XXVI} Em 1918

O valor oficial das terras devolutas, pertencentes ao Estado, ainda existentes no município (Campo Grande), em grandes extensões, principalmente na região do Ivinhema e Paraná, é na atualidade, de 3\$000 por hectare.

Na vasta e riquíssima zona da Vacaria, constituída dos mais belos campos, a mais propícia à indústria pastoril, *já sem área alguma devoluta*, tem sido negociados, ultimamente, grandes trechos à razão de *quarenta contos de réis e mais (...)* por hectare. (grifo nosso)^{XXVII}

CARLOS ALEXANDRE BARROS TRIBILIANO

Outro elemento a ser destacado, diz respeito à legalização das terras. Com aprofundamento das relações capitalista, a posse não se dava mais com o caminhar da boiada que adensava as matas virgens, ampliando o patrimônio do fazendeiro, como outrora, nos tempos da “fase heróica” da ocupação (1870-1920) do sul de Mato Grosso.

A ocupação da terra é um processo econômico antes de ser um processo político: e são os motivos econômicos que trazem os diferentes capitais e grupos econômicos para a fronteira. A partir daí, entretanto, o problema de ganhar o controle sobre a terra torna-se político, e esses capitais e grupos procuram os títulos à terra que possam legitimar sua atividade econômica.^{XXVIII}

A formação dos *Parkings industrie* da carne, deu-se através da aquisição de terras junto aos grandes proprietários, seduzidos pela alta dos preços, e por políticas de incentivo adotadas pelo Estado de Mato Grosso, que disponibilizou a venda, de grandes glebas de terras devolutas, na região sul do Estado para instalação dessas companhias. Segundo César Benevides, *com a benevolência das autoridades locais e a aquiescência do governo federal, proliferaram no Estado de Mato Grosso diversos empreendimentos pecuários estrangeiros*. Entre 1910 e 1930 foram adquiridas só pelas companhias estrangeiras, ligadas a indústria da pecuária, cerca de 5.463.673 hectares de terras no sul de Mato Grosso.^{XXIX}

Contudo, a instalação dessas empresas teve resistência dos pequenos posseiros. O registro de propriedade da terra nos órgãos oficiais, não era prática dos pequenos produtores no sul de Mato Grosso, para estes, os encargos com a medição, cercamento e registro era inviável economicamente, soma-se ainda uma questão de mentalidade, na cosmovisão desses roceiros, a sua permanência naquela terra até então “sem dono”, era legítima, uma vez que por anos, às vezes gerações, residiu nesse espaço.

(...) era essa então a realidade das terras em Mato Grosso: terras devolutas disponíveis, a espera de compra; grande número de posseiros ocupando terras, sem condições objetivas de regularizar as posses. No futuro serão estes posseiros os mais vulneráveis à expropriação.^{XXX}

A resistência dos pequenos posseiros gerou um clima de beligerância na região. Exemplo disso foi o litígio envolvendo posseiros e a companhia britânica *Brasil Land and Cattle Packing Company*, no início da década de 1920. A companhia era uma empresa subsidiária do grupo controlado por Percival Farquhar, o mesmo grupo que entre 1912-1916 se envolveu em conflitos com posseiros na região fronteira entre os estados do Paraná e Santa Catarina, no episódio que entrou para historiografia brasileira como *Guerra do Contestado*.

No sul de Mato Grosso a *Brasil Land* adquiriu 200.000 hectares na região de Vacaria, zona rural de Campo Grande. O início do processo de demarcação das terras resultou no aumento das tensões sociais na região. Os posseiros que ali estavam se negaram a deixar a propriedade. Por seu turno a companhia, através da embaixada da Gran-Bretanha, fez pressão junto ao governo federal, que interveio desapropriando os posseiros e garantindo a integração de posse à companhia.^{XXXI}

Sob a ótica da administração pública, a defesa das grandes companhias, politicamente se justificava pelas receitas geradas. Entre 1916 e 1925, com a ampliação do número de empresas, ligadas a cadeia produtiva da carne, a exportação do gado em pé triplicou. Em 1916 Mato Grosso registrou a venda de 51,035 cabeças de gado, o que gerou uma receita de 4.082:720\$000; em 1925 esse número saltou para 152.561 cabeças, resultando 12.204:880\$000. Contudo, devemos salientar que se tratando de empresas de natureza transnacional, fora os impostos debitados, significativa parte desse capital não permaneceu em Mato Grosso.

Outro efeito negativo, com a desapropriação dos poceiros, em geral pequenos agricultores, foi a crise de abastecimento que Campo Grande sofreu em 1924. Em suas memórias, o intendente Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo (1924 a 1926) nos relatou o momento crítico que a cidade passou: *numa ocasião houve falta de feijão e arroz. Mandamos comprar em Araçatuba para abastecer a cidade.*^{XXXII}

A adoção pelo Estado de políticas de incentivo as empresas ligadas ao negócio da carne, era um reflexo das mudanças no cenário econômico de Mato Grosso. Desde o início do século XX, registrava-se o crescimento das receitas do eixo-produtor da região sul, que capitaneado pelo setor pecuário, superou, em 1924, as receitas da região Norte. Em mensagem dirigida à Assembléia Legislativa, o então presidente de Estado cel. Pedro Celestino atribui *a criação do gado bovino a melhor garantia do desenvolvimento econômico de Matto Grosso, dada a excellencia das pastagens nativas que se estendem dos pantanaes naturalmente adubados, aos campos do planalto.*^{XXXIII}

Ante as transformações econômicas, fazia-se necessário criar e aprimorar as vias de comunicação e escoamento de mercadorias. Atendendo aos interesses do capital financeiro nacional e internacional, a infraestrutura do sul de Mato Grosso se modernizava – com a conclusão, em 1904, do ramal telegráfico do Pantanal; o início da construção da ferrovia, em 1905; a inauguração da iluminação pública na cidade de Corumbá, em 1912; e a reforma e ampliação do porto de Corumbá, promovidas pelo Governo Federal em 1913.^{XXXIV}

Os primeiros produtores de charque se instalaram no sul de Mato Grosso, às margens do rio Paraguai ou de seus afluentes. A escolha desses locais se explica pela regular oferta de matéria-prima e a utilização da via fluvial como o principal escoadouro para produção. Contudo, com a construção da ferrovia Noroeste do Brasil, registrou-se a ampliação, entre 1914 e 1920, do número de empresas que se fixaram no entorno dos trilhos. A combinação da expansão da indústria pastoril com os trilhos da ferrovia representou um novo dinamismo econômico para pequenos vilarejos como Miranda, Aquidauana, Ponta Porã e Campo Grande.

Para termos noção das transformações que se opera no sul de Mato Grosso, de acordo com o *Recenseamento do Brazil* de 1920, dos 3.484 estabelecimentos rurais regularizados em Mato Grosso, 583 estavam no município de Campo Grande, numero quase três vezes maior que da capital Cuiabá que contava com 205, outros municípios também do sul como Três Lagoas (321), Santana do Parnaíba (297) e Ponta Porã (338) possuíam quantidade maior de propriedades.^{XXXV} Esses dados revelam a expansão das relações capitalistas na ocupação do território, cuja força motriz estava na ampliação do número de empresas e as levas de imigrantes que rumaram para região sul.

Campo Grande, nas primeiras décadas do século XX, foi o catalisador dessas transformações de modernização e aprofundamento das relações capitalistas que se operavam no sul de Mato Grosso. A junção: gado, ferrovia e migrantes, transformaram o pequeno vilarejo – nas palavras do cronista Paulo Coelho Machado – em *empório do*

gado. Além da produção de charque, a cidade se destacava na comercialização de novilho magro, para comitivas que vinham do pantanal sul em direção as zonas de engorda e abate no oeste paulista. Esse fluxo comercial acelerou o desenvolvimento da urbes campo-grandense.

O charque do sul de Mato Grosso foi o produto, da cadeia produtiva da carne, que mais utilizou o transporte ferroviário como escoamento. Foi também, artigo importante na pauta comercial de Mato Grosso, em especial durante o ápice produtivo nos anos da primeira guerra mundial.

A partir do final da década de 1920 registrou-se o declínio da produção de charque do Sul de Mato Grosso. Esse processo deu-se por dois motivos: *primeiro*: no período entre as duas guerras mundiais (1918– 1929) instalaram-se grandes frigoríficos nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais levando uma progressiva redução do consumo de charque, substituído por outros produtos como a carne congelada ou em conserva^{XXXVI}; *segundo*, como nos informa Wilson Cano, *na década de 1930 São Paulo produzia charque em quantidade equivalente à metade da produção gaúcha e concorriam ambos no mercado nacional*.^{XXXVII} Ou seja, ante a retração de mercado, tornou-se mais rentável, ao produtor sulista, fornecer gado magro a ser utilizado como matéria-prima para os frigoríficos e indústria do charque paulista.^{XXXVIII} A partir desse momento o desenvolvimento econômico do sul de Mato Grosso entra na segunda fase, 1920-1940, onde se dá o aprofundamento das relações capitalistas na região com São Paulo, contudo, essa discussão é tema para futuras investigações.

Notas

^I Professor Auxiliar de História Contemporânea da Universidade Federal de Rondônia (Unir) e doutorando em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/ Campus de Franca. E-mail: trubiliano@hotmail.com

^{II} SODRÉ, Nelson. Werneck. **Oeste. Ensaio sobre a grande propriedade pastoril**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. p. 68.

^{III} ARAÚJO, Ana Paula Correia de. **Pantanal, um espaço em transformação**. Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2006. p. 83.

^{IV} O gado pantaneiro caracteriza-se como *animal precoce, rústico, fértil e com baixa taxa de mortalidade. Ao mesmo tempo em que suporta fortes e prolongadas inundações, permanecendo por muitas horas na água para conseguir alimentar-se, em outras épocas do ano é também capaz de suportar longos períodos de seca*. In: MAZZA, M.C.M.; MAZZA, C.A.S.; SERENO, J.R.B.; SANTOS, S.A.; e PELLEGRIN, A.O. **Etnobiologia e conservação do bovino Pantaneiro**. EMBRAPA/CPAP/SPI; Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994, p. 61.

^V FLEURY, Justiniano Augusto de Salles. **O descobrimento do sertão e fundação da povoação de Sant’Anna do Paranaíba**. *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*, Cuiabá, 1925.p. 30

^{VI} ALMEIDA, Mário Monteiro de. **Episódios históricos da formação geográfica do Brasil: fixação das raias com o Uruguai e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1951.p.22.

^{VII} CORREA FILHO, V. **História de Mato Grosso**. MEC/Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1969, p. 536-556.

^{VIII} SODRÉ, Nelson Werneck. **Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril**. José Olympio. Rio de Janeiro, 1941.

^{IX} Dados obtidos no: **Album graphico do Estado de Matto Grosso (EEUU do Brazil)** Corumbá, Hamburgo: Ayala & Simon Editores, 1914, p. 292.

^X MAMIGONIAN, Armen. **Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá**. Geosul nº1, ano 1, 1986.

-
- ^{XI} MAMIGONIAN, Armen. **Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional...** Op. Cit.
- ^{XII} **Anuário estatístico de São Paulo: 1908.** São Paulo: Tipografia do Diário Oficial. v. 1. Disponível em versão digitalizada no site: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/pdfs/ANE19080000.pdf>
- ^{XIII} MACHADO, Paulo Coelho. **Pelas ruas de Campo Grande: a Rua Velha.** Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1990, v. 1, p. 67.
- ^{XIV} DEFFONTAINES, Pierre. **Historia do gado nos países do Prata.** Rio de Janeiro: BG n°9,1953
- ^{XV} **Álbum Gráfico de Mato Grosso (EEUU do Brasil).** Op. Cit. p.293.
- ^{XVI} CORREA FILHO, V. **Fazendas de gado no Pantanal mato-grossense...** Op. Cit.
- ^{XVII} CORREA FILHO, V. **Fazendas de gado no Pantanal mato-grossense...** Op. Cit. p. 599.
- ^{XVIII} **Diário Oficial da União (DOU)** de 08/01/1910. Seção 1 p. 8. Disponível para consulta no Arquivo público de Mato Grosso do Sul, pasta “Diários Oficiais”.
- ^{XIX} ALVES, Gilberto Luiz. **Mato Grosso e a História: 1870-1929 (Ensaio sobre a transição da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro).** São Paulo: Ed. da AGB, (Boletim Paulista de Geografia), n. 61, 1984.p.43.
- ^{XX} Dados não localizados.
- *A tabela é resultado do cruzamento de dados coletados nas obras de: PROENÇA, Augusto César. **Pantanal: gente, tradição, história.** Campo Grande: 1992; BORGES, F. T. de M. **Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870 – 1930).** São Paulo: Scortecci, 2001; BENEVIDES, C.; LEONZO, N. **Miranda Estância: ingleses, peões e caçadores no pantanal mato-grossense.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999; ALVES, Gilberto Luiz. **Mato Grosso e a História: 1870-1929 (Ensaio sobre a transição da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro).** São Paulo: Ed. da AGB, (Boletim paulista de Geografia), n. 61, 1984; SAKAMOTO, Arnaldo Yoso. **Contribuição ao estudo do espaço de produção capitalista de Mato Grosso: Meados do século XIX até a década de 1930.** Dissertação (Mestrado em Geografia) São Paulo: Universidade de São Paulo (USP). 1989.
- ^{XXI} BARBOSA, Emílio Garcia. **Panoramas do Sul de Mato Grosso.** Campo Grande: IHGMS/Editora GIBIM, 2011. p. 100-104.
- ^{XXII} BARBOSA, Emílio Garcia. **Panoramas do Sul de Mato Grosso.** Op. Cit. 104.
- ^{XXIII} MAMIGONIAN, Armen. **Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional...** Op. Cit.
- ^{XXIV} WILCOX, Robert Wilton. **Cattle ranching on the Brazilian frontier: tradition and innovation in Mato Grosso, 1870-1940.** Graduate School of Arts and Sciences (Tese em História), New York: New York University. 1992. p. 180.
- ^{XXV} Destacamos os estudos de HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O extremo oeste.** São Paulo: Basiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1986; VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **A conquista da terra no universo da pobreza; formação da fronteira oeste do Brasil – 1719-1819.** São Paulo: HUCITEC, 1987; SODRÉ, Nelson Werneck. **Oeste. Ensaio sobre a grande propriedade pastoril.** São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990; LENHARO, Alcir. **Crise e mudança na frente oeste de colonização.** UFMT - Imprensa Universitária, Cuiabá, 1982.
- ^{XXVI} **Álbum Gráfico de Mato Grosso (EEUU do Brasil).** Op. Cit. p.167.
- ^{XXVII} CONGRO, Rosário. **O Município de Campo Grande – 1919.** Estado de Matto Grosso: Publicação Oficial, 1919.p. 62.
- ^{XXVIII} FOWERAKER, Joe. **A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar; 1982. p. 145.
- ^{XXIX} BENEVIDES, Cezar Augusto Carneiro; LEONZO, Nanci. **Miranda Estância: ingleses, peões e caçadores no Pantanal mato-grossense.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1999. p.25
- ^{XXX} BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Relatório Antropológico de Furnas do Dionísio.** Brasília: Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares – Projeto de Mapeamento e sistematização das áreas de comunidades remanescentes de quilombo. 1998. p. 02.
- ^{XXXI} Sobre a contenda envolvendo a Brasil Land e os posseiros ver: CORRÊA, Lucia Salsa. **Historia e Fronteira: o Sul de Mato Grosso 1870-1920** op. cit; BENEVIDES, Cezar; LEONZO, Nanci. **Miranda Estância: ingleses, peões e caçadores no Pantanal mato-grossense.** Op. cit.; e Lata 1920A. Documentos Avulsos do APMT.
- ^{XXXII} RIBEIRO, Lélia Rita Euterpe de Figueiredo. **O Homem e a Terra.** Campo Grande: IHGMS, 1993.p.305.
- ^{XXXIII} COSTA, Pedro Celestino Corrêa. **Mensagem dirigida á Assembléia Legislativa em 13 de maio de 1924.** Cuiabá: Typografia Oficial, 1924.p.73.

^{xxxiv} MAMIGONIAN, Armen. **Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá.** *Revista do departamento de Geociências de UFSC*. Florianópolis, 1986.

^{xxxv} **Estabelecimentos rurais recenseados em Mato Grosso.** In: *Recenseamento do Brasil*. Rio de Janeiro: TYP. da Estatística. 1923. p. 04.

^{xxxvi} Os principais frigoríficos do Brasil entre 1918-1929: Cia. Frigorífica de Santos; Cia. Frigorífica e Pastoral de Barretos; Cia. Frigorífica de Pelotas; Frigorífico Matarazzo; Frigorífico Bianco; Cia. Pecuária e Frigorífica do Brasil; Frigorífico Wilson Co.; Armour do Brasil (SP); Armour do Brasil (RS); Swift do Brasil; Frigorífico Anglo; Frigorífico Mendes.

^{xxxvii} CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930–1970.** Campinas: EdUnicamp.1985. p. 57.

^{xxxviii} ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias da carne no Sul do Brasil.** Tese. (Doutorado em Geografia). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP). 2002.

Fontes

FERREIRA, Jose Joaquim Ramos. Relatório do Exmo. Sr. Vice-Presidente do Estado de Matto Grosso à Assembléa Legislativa da Provincial de Matto Grosso, 2ª Sessão da 26ª Legislatura. Cuyaba. Setembro de 1887. s/p.

Diário Oficial da União (DOU) de 30/12/1909.

Diário Oficial da União (DOU) de 08/01/1910.

Album graphico do Estado de Matto Grosso (EEUU do Brazil) Corumbá, Hamburgo: Ayala & Simon Editores, 1914.

Anuario estatistico de São Paulo: 1908. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial. v. 1.

COSTA, Pedro Celestino Corrêa. **Mensagem dirigida á Assembléa Legislativa em 13 de maio de 1924.** Cuiabá: Typografia Official, 1924.

Relatório da Companhia de Estradas de Ferro Noroeste do Brasil referente ao exercício do ano de 1925.

Bibliografia

ARAÚJO, Ana Paula Correia de. **Pantanal, um espaço em transformação.** Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2006.

BARBOSA, Emílio Garcia. **Panoramas do Sul de Mato Grosso.** Campo Grande: IHGMS/Editora GIBIM, 2011.

BORGES, F. T. de M. **Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870 – 1930).** São Paulo: Scortecchi, 2001

CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930–1970.** Campinas: EdUnicamp.1985.

CONGRO, Rosário. **O Município de Campo Grande – 1919**. Estado de Matto Grosso: Publicação Oficial, 1919.

CORREA FILHO, V. **História de Mato Grosso**. MEC/Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1969,

_____. **A propósito do boi pantaneiro**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1926.

_____. **Fazendas de gado no Pantanal Mato-Grossense**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura-Serviço de Informação Agrícola, 1955.

CORRÊA, Lucia Salsa. **Historia e Fronteira: o Sul de Mato Grosso 1870-1920**. Campo Grande: UCDB, 1999.

ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias da carne no Sul do Brasil**. Tese. (Doutorado em Geografia). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP). 2002.

ESSELIN, Paulo Marcos. **A Pecuária Bovina no Processo de Ocupação e Desenvolvimento Econômico do. Pantanal Sul-Mato-Grossense (1830 – 1910)**. Dourados: EdUFGD. 2011.

FOWERAKER, Joe. **A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar; 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O extremo oeste**. São Paulo: Basiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1986.

LENHARO, Alcir. **Crise e mudança na frente oeste de colonização**. UFMT - Imprensa Universitária, Cuiabá, 1982.

MACHADO, Paulo Coelho. **Pelas ruas de Campo Grande**. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1990.

MAMIGONIAN, Armen. **Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá**. Geosul nº1, ano 1, 1986.

MARTINS, Demosthenes. **A poeira da jornada: memórias**. São Paulo: Resenha Universitária, 1980.

MAZZA, M.C.M.; MAZZA, C.A.S.; SERENO, J.R.B.; SANTOS, S.A.; e PELLEGRIN, A.O. **Etnobiologia e conservação do bovino Pantaneiro**. EMBRAPA/CPAP/SPI; Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994.

PROENÇA, Augusto César. **Pantanal: gente, tradição, história**. Campo Grande: 1992

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. **Articulações econômicas e vias de comunicação do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. In: LAMOSO, Lisandra Pereira (org.). *Transporte e políticas públicas em Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

RAMOS, Jorge Abelardo. **Del patriciado a la oligarquía - 1862-1904**. Buenos Aires: Ed. Plus Ultra, 1971.

RIBEIRO, Lélia Rita Euterpe de Figueiredo. **O Homem e a Terra**. Campo Grande: IHGMS, 1993.

RIBEIRO, R. A. **Tabaco 150 anos: balaios de recordações**. Campo Grande, 1984.

SAKAMOTO, Arnaldo Yoso. **Contribuição ao estudo do espaço de produção capitalista de Mato Grosso: Meados do século XIX até a década de 1930**. Dissertação (Mestrado em Geografia) São Paulo: Universidade de São Paulo (USP). 1989.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Oeste. Ensaio sobre a grande propriedade pastoril**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **A conquista da terra no universo da pobreza; formação da fronteira oeste do Brasil – 1719-1819**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

WILCOX, Robert Wilton. **Cattle ranching on the Brazilian frontier: tradition and innovation in Mato Grosso, 1870-1940**. Graduate School of Arts and Sciences (Tese em História), New York: New York University. 1992.